

*“Vi também descer do céu, de junto de Deus, a cidade santa, uma nova Jerusalém”
(Apocalipse 21.2)*

*Amado Senhor,
Nós todos ansiamos pela cidade santa, a nova Jerusalém,
Na qual não haverá mais lágrimas nem lamentos,
Porque o Cordeiro de Deus nela governa;
Na qual não haverá mais dores nem morte,
porque nela se encontra a morada de Deus;
Na qual não haverá mais velhas ordens,
porque tu fazes tudo novo;
Na qual não haverá mais noite, porque tua glória ilumina a cidade;
Na qual as portas não serão cerradas, porque não haverá mais medo e escuridão;
Na qual os rios cristalinos da vida correm pela cidade áurea,
E na qual a árvore da vida produz frutos o dia inteiro.
Nós não sabemos quando a nova Jerusalém será realidade para nós.
No entretanto, Senhor, queiras abençoar nossos pequenos e grandes esforços em nossas cidades – de criar miniaturas da nova Jerusalém.
Ajuda-nos a lutar contra tudo que impede aceitação da cidade de Deus na terra. Amém.*

*Johnson Gnanabaran.
Senhor, renova-me.
Reflexões,
Ed. Sinodal, p. 82*

“Promover a paz da cidade requer perguntar constantemente pelo lugar da Igreja (da cruz) na paisagem urbana”.

Pastor Dr. Nestor Friedrich (caderno Tema do Ano)

Quando pela primeira vez observei o cartaz do Tema do Ano 2014, “Vidas e Vias em Comunhão”, me perguntei: onde está a Igreja? Busquei atentamente em todos os prédios por uma torre, uma cruz, um relógio, por um sinal que pudesse dizer: “ali está a Igreja nesta cidadezinha simpática”. Assim, seria mais fácil encontrar um ponto de partida para iniciar uma reflexão sobre o Tema do Ano de nossa Igreja. Mas, nada encontrei. Então, pensei: em algum destes prédios, num determinado andar estará acontecendo um encontro de famílias... Talvez, algum destes prédios seja o hospital e nele, certamente, haverá pessoas orando... Em alguma sala destes prédios, pessoas voluntárias estarão costurando roupas para ajudar lares, creches e hospitais... Em outra sala estará reunido um grupo ecumênico refletindo, para além das celebrações oficiais, sua contribuição à sociedade... Jovens, unidos em mutirão, estarão caminhando pelas ruas em direção ao rio para conhecê-lo e valorizá-lo... Haverá, numa das avenidas, um cantinho reservado à feira de agricultores ecológicos... E num piscar de olhos senti tanta motivação para sermos uma igreja na cidade! Há tantos lugares para percorrer, pregar e viver o evangelho do reino... Mas, de repente sobreveio uma inquietação: Caso nada disso exista, precisarei voltar a perguntar: Onde estará a Igreja?

Parece natural que a Igreja fique restrita a um lugar, a um prédio, aonde as pessoas recorrem para encontrar conforto e paz. Imaginar uma Igreja que caminha, que percorra os cantos de uma sociedade, seguindo os passos do Filho de Deus, na tarefa de ensinar, pregar e curar parece-nos estranho (conforme Mateus 4.23). Ainda que a Palavra não seja novidade, tendemos a confinar a vida da comunidade ao templo. Contudo, faz parte do ser Igreja sair do templo e colocar-se a caminho, seguindo os passos do Filho de Deus. Como afirma o site da IECLB: ***“Pessoas luteranas identificadas com a IECLB entendem-se como parte da igreja universal e procuram viver com autenticidade a fé cristã. A fé autêntica não pode ser centralizada no templo.”*** (Sobre Identidade, site: www.luteranos.com.br).

A história das cidades

Qualquer cidade tem algo de Babel, a cidade na qual as pessoas tentaram alcançar o céu através do sucesso.

Qualquer cidade tem algo de Sodoma e Gomorra, as cidades pervertidas que foram extintas.

Qualquer cidade tem algo de Babilônia, a cidade que seduzia nações, e que foi extinta.

Qualquer cidade tem algo de Nínive, a cidade que ouviu a pregação de Jonas e que se arrependeu.

Qualquer cidade tem algo de Jerusalém, a cidade que matou profetas e mensageiros de Deus.

Qualquer cidade tem algo de Atenas, a cidade cheia de ídolos.

Qualquer cidade tem algo de Tessalônica, a cidade na qual habitavam pessoas que se tornaram modelo para todos os crentes, testemunhando a palavra para uma vasta região.

*Johnson Gnanabaran.
Senhor, renova-me.*

*Reflexões,
Ed. Sinodal, p. 82*

A IGREJA TEM BOCA

Certa vez, caminhando pela calçada com minha filha, conversávamos sobre o trabalho pastoral. Observamos um enorme buraco na rua, sem nenhuma sinalização. Aproveitei a ocasião para explicar a ela que o trabalho da igreja ajuda também no conserto dos buracos, pois através da pregação conscientizamos as pessoas tanto da responsabilidade para com os bens públicos, a exemplo da rua, como para com a vida das pessoas. Ela me disse: Mamãe, como a igreja vai ajudar se *ela não tem boca*? Como ela vai falar para que consertem esse buraco? Então, perguntei-me pela voz profética da Igreja nos dias atuais. O que temos dito em nossas Igrejas sobre a moderna realidade que nos cerca?

A IGREJA NUMA SOCIEDADE URBANIZADA

É justamente a ausência do templo no cartaz que nos desafia a perguntar por outras coisas que também não estão nele. O Tema do Ano da IECLB é “ViDas em Comunhão”. Por isso, compreendo que o Tema não se restringe à cidade propriamente dita, mas sobre tudo quer nos interrogar pelo *lugar* e a *tarefa* da igreja no contexto de uma “sociedade urbanizada”, que influencia as vidas tanto na cidade como no interior. O lema bíblico dirige um chamado profético ao povo para que procure “a paz na cidade”. E essa cidade foi Babilônia, justamente o lugar do exílio, da aflição, da terra estranha e da experiência de não se ter um templo para recobrar a fé e assim reelaborar a esperança do povo para seguir sua vida. Logo, não é só a cidade que precisa de paz. Certamente, em muitos outros contextos e situações experimentamos exílio, aflição, ausência de Deus e da Igreja. Certamente, nesses contextos precisamos ser uma Igreja que procura a paz.

É de nosso conhecimento que a população brasileira está em 84% concentrada na cidade. As pessoas que migram enfrentam muitos problemas, como: um trabalho digno, salário suficiente, casa para morar, investimento para transporte, distanciamento da Igreja, medo da violência e a experiência da solidão. Percebe-se, cada vez mais, que vivemos uma espécie de exílio imposto em nossa própria terra que passou às influências de uma sociedade globalizada e urbanizada. Somos estimulados a desacreditar na importância da vida em comunhão. Podemos “assistir” a uma igreja sem sair de casa, contudo não podemos experimentá-la na comunhão. Podemos ter mil amigos adicionados ao Facebook e nenhum adicionado ao nosso lado.



“Ouve, ó meu Deus,
e atende
a minha Oração.
Abre os olhos
E vê a nossa
desgraça e olha
para a tua cidade.
Fazemos
os nossos pedidos
por causa da
Tua grande
compaixão e não
porque sejamos bons
e honestos”.
Daniel 9.18



No contraponto das dificuldades, empresas oferecem à sociedade urbanizada as comunidades virtuais, que pretendem aliviar a dor do isolamento. Sociólogos afirmam, sem desvalorizar a contribuição da internet, que:

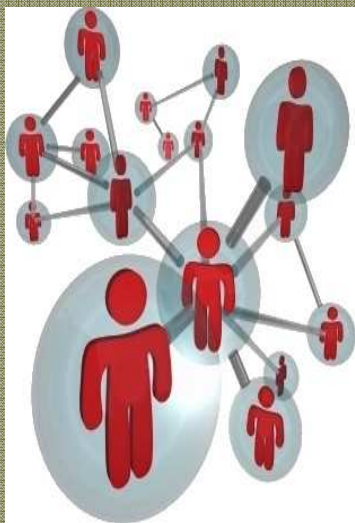
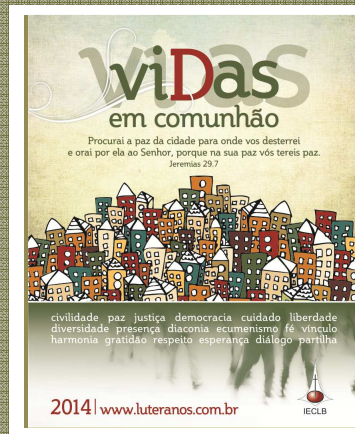
“as comunidades virtuais tem sido muito atrativas, mas tem diminuído a capacidade do ser humano de estabelecer interações espontâneas com pessoas reais. Elas criam uma ilusão de intimidade e um simulacro de comunidade, mas não podem ser um substituto válido de sentar-se a uma mesa, olhar o rosto das pessoas e ter uma conversa real” (Zygmunt Baumann, *Identidade*, p. 31).

Neste novo contexto social pós-moderno, a Igreja permanece sendo lugar de comunhão com pessoas reais, ainda que a mesma usufrua das redes sociais para alcançar mais pessoas. O papel da comunidade real é imprescindível para o ser humano. É precioso demais para a vida das pessoas um encontro real, numa mesa real, uma comunhão real. A Santa Ceia é a experiência e a certeza da presença real de Cristo em nossas vidas. É a oportunidade de aprendermos e reaprendermos o sentido da cruz, da dor e da violência. É a oportunidade de apreendermos o valor da ressurreição e elaboramos conjuntamente a partir da fé uma esperança ativa que nos alente nesta realidade. Na comunidade, elas têm nome, não apenas um número, têm um encontro real e não virtual. A Igreja precisa ter lugar enquanto *templo*, mas também ocupar o seu lugar enquanto *tarefa*. A Igreja reunida no templo precisa alimentar-se da fé e distribuir entre si a tarefa de cuidar da vida humana e de toda a criação em todos os lugares que pulsa.

Há espaços em sua comunidade para refletir sobre a presença da cruz na experiência cotidiana da comunidade e da sociedade? Estará invisível aos nossos olhos o sofrimento de nossa gente? Como foi recebido o posicionamento do Sínodo Noroeste Riograndense no tocante à construção das barragens?

A IGREJA TEM O HORIZONTE DO REINO

Muitas vezes, vi pessoas admirando templos e dizendo: Como iremos construir algo tão grandioso como fizeram nossos antepassados? Acima de tudo importa considerarmos que a Igreja, mesmo sem templos, sempre esteve presente na vida e no testemunho de pessoas e comunidades que desejaram viver pela fé numa perspectiva do evangelho do Reino pregado por Jesus.



A Igreja sempre esteve na cidade e revelou ser bem mais do que um templo bem construído, mais do que um aglomerado de pessoas. A Igreja foi e é a comunhão das pessoas que acreditam no Reino de Deus pregado por Jesus Cristo. Sua presença no mundo assemelha-se a mulher que colocou pequenas porções de fermento no meio da farinha (Mt 13.33). Igreja é uma pequena porção de fermento ativo aqui e ali na sociedade, mostrando que outra realidade é possível.

VIAS EM COMUNHÃO

O tema proposto SER IGREJA NA CIDADE instiga um desejo bem humano de obtermos uma receita para o sucesso da Igreja nestes tempos atuais. Outras Igrejas ousariam apresentar receitas gloriosas. Contudo, como evangélicos de confissão luterana, apresentamos Jesus Cristo crucificado, como via, como caminho, a verdade e a vida. Seguindo este mesmo caminho e esta via, está o testemunho de seu povo comprometido com o Reino, narrado nas Escrituras Sagradas. Por isso, nada apresentamos de receitas, apenas o horizonte do Reino como nossa herança e tesouro. Que o Espírito Santo inspire as nossas comunidades à luz da Palavra a fim de que se organizem e respondam estes e outros questionamentos: Aonde estão as cruzes e os sofrimentos do ser humano e da criação? Aonde nós devemos estar enquanto igreja? Aonde devemos e precisamos estar neste cartaz, nesta sociedade? Como a Igreja de Jesus Cristo vai se posicionar diante dos desafios desta sociedade globalizada e urbanizada? Onde, quando e como vamos por o fermento na massa? Numa cidade e em qualquer lugar a visibilidade de um templo ajuda muitas pessoas a encontrar a sua comunidade, mas o testemunho das pessoas ajuda muitos a reencontrar a sua fé.

Inspirações Bíblicas...

Salmo 127.1-2: “Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela”;

Mateus 4.23 “Percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo”;

Mateus 5.14-16 “Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus”.

Pa. Cláudia S. Pacheco
Paróquia Ev. Missões de Santo Ângelo